ResearchGate

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: https://www.researchgate.net/publication/361184359

USOS NÃO-PADRÃO E AVALIAÇÃO DO LHE EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Chapter · June 2022

DOI: 10.48528/yhx3-d774

CITATION
1

READS
113

3 authors:

Lorena Da Silva Rodrigues
Secretaria da Educação do Estado do Ceará
19 PUBLICATIONS **21** CITATIONS
SEE PROFILE

Aline Bazenga
University of Madeira
127 PUBLICATIONS **131** CITATIONS
SEE PROFILE

Maria ELIAS Soares
Federal University of Ceará
26 PUBLICATIONS **15** CITATIONS
SEE PROFILE

All content following this page was uploaded by Aline Bazenga on 09 June 2022.

The user has requested enhancement of the downloaded file.

USOS NÃO-PADRÃO E AVALIAÇÃO DO *LHE* EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Lorena da Silva Rodrigues

Aline Bazenga

Maria Elias Soares

USOS NÃO-PADRÃO E AVALIAÇÃO DO *LHE* EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS

USES AND EVALUATION OF THE CLITIC *LHE* IN VARIETIES OF PORTUGUESE

Lorena da Silva Rodrigues[1]

Aline Bazenga[2]

Maria Elias Soares[3]

Resumo

A variação e a mudança linguística são evidentes no sistema pronominal da língua portuguesa, sendo os usos do clítico *lhe* como objeto direto de terceira pessoa exemplo desse fato. Desse modo, este trabalho tem o objetivo de elencar usos não-padrão do pronome *lhe* nas variedades madeirense do português europeu (PE) e moçambicana (PM), discutindo-os à luz da Sociolinguística Quantitativa, a partir dos seus estudos sobre avaliação linguística (Labov (2008[1972], 2010); Lambert et al. (1960); Oushiro (2015)). A recolha de dados para a elaboração desta investigação deu-se em duas etapas, a primeira com dados de fala de Maputo e do Funchal; a segunda analisou a avaliação e a percepção de falantes de ambas as localidades sobre os usos de *lhe*. Observou-se, a partir dos dados, que as mudanças linguísticas ocorridas no sistema pronominal das variedades geográficas investigadas ocorrem de forma semelhante, em que a categoria de caso se torna cada vez menos marcada e, de acordo com a avaliação dos falantes, o uso não-padrão do pronome *lhe* já está encaixado nas estruturas linguística e social.

Palavras-chave: pronomes pessoais, clítico *lhe*, categoria de caso, variedades do português, avaliação.

[1] Doutora em Linguística e pós-doutoranda pela Universidade Federal do Ceará. lorena.rodrigues@letras.ufc.br
[2] Doutora em Letras (UMa) e Professora da Universidade da Madeira. aline.bazenga@staff.uma.pt
[3] Doutora em Letras (PUC-RJ) e Professora da Universidade Federal do Ceará. melias@ufc.br

Abstract
Linguistic variation and change are evident in the pronominal system of the Portuguese language, where the uses of the clitic *lhe* as a direct object of third person are good example of this fact. The presented work aims to analyze non-standard uses of the clitic *lhe* in the Madeiran Variety of European Portuguese (EP) and Mozambican Portuguese (MP), which are discussed under a Quantitative Sociolinguistics approach, based on works on linguistic evaluation (Labov (2008 [1972], 2010); Lambert et al. (1960); Oushiro (2015)). The data in this research were collected in two ways: (i) from selected speech data recorded in Maputo and Funchal and (ii) from evaluation and perception inquiries applied to speakers from both localities. The results from the two kind of data shown that similar linguistic changes occurred in the pronominal systems of the geographic varieties under investigation, in which the case category becomes less marked and, accordingly with the evaluation of the speakers, the non-standard use of the clitic *lhe* is already embedded in the linguistic and social structures.

Keywords: pronominal system, clitic *lhe*, case category, varieties of Portuguese, sociolinguistic evaluation.

1. INTRODUÇÃO

O sistema de caso dos pronomes do português tem passado por mudanças em seu paradigma ao longo da história da língua em suas diversas variedades. Uma dessas mudanças é a perda da marcação exclusivamente dativa do clítico *lhe*, que passou a codificar no português brasileiro (PB) a função de acusativo de segunda pessoa em variação com os pronomes *tu* e *você* (Menon, 1995; Araújo & Carvalho, 2014), conforme o exemplo a seguir.

(1) D: mas quem **lhe** ensinou?... a mãe? (documentadora brasileira, a fazer uso do *lhe* como acusativo de 2.ª pessoa nos dados analisados)

Porém, no que se refere a outras variedades da língua portuguesa, diferentes do português europeu padrão, vê-se, ainda, o pronome *lhe* com função acusativa de terceira pessoa, em alternância com o clítico padrão *o*, a exemplo do português falado na Ilha da Madeira, conforme Rodrigues (2018) e Bazenga & Rodrigues (2019); assim como também ocorre esse fenômeno no Português falado em Angola (PA) e em Moçambique (PM) segundo apontam os estudos de Gonçalves (2015). Desse modo, de acordo com essas pesquisas, são comuns exemplos como os que se seguem:

(2) tento-lhe explicar e **lhe** informar sobre as coisas (FNC11_HA1426)[4]

[4] Dado retirado do *Corpus Sociolinguístico do Funchal*.

(3) Levam a miúda para o quarto, vestem-**lhe**. (PM)[5]

(4) A minha mãe diz que **lhe** vão buscar e **lhe** vão levar todos os dias. (PA)[6]

Dentro desse panorama, este trabalho tem por objetivo analisar usos não-padrão do pronome *lhe* na função de acusativo de 3.ª pessoa nas variantes madeirense e moçambicana do português, bem como averiguar as percepções em torno desses usos. Além da investigação da produção do pronome analisado nas funções dativa e acusativa, discutir-se-á a noção de identidade sociolinguística (Oushiro, 2015), a partir do estudo de percepções e avaliações linguísticas desses usos linguísticos.

Para tanto, utilizou-se como base teórico-metodológica a Sociolinguística Quantitativa (Labov (2008[1972], 2010); Lambert et al. (1960); Oushiro (2015)), além de estudos sobre o paradigma pronominal, conforme mencionado anteriormente, Andrade (2014); Gonçalves (2015); Rodrigues (2018); Bazenga & Rodrigues (2019), Schwenter *at. al.* (2021). Acrescentaram-se os estudos de percepção e avaliação linguísticas a partir dos estudos de Oushiro (2015, p. 264), que observa ser "bastante razoável aventar a hipótese de que, do mesmo modo que os usos linguísticos são heterogêneos, a percepção sobre as variáveis tampouco é homogênea e que, ademais, deve ser socialmente estratificada".

Com base nisso, esta pesquisa desenvolveu-se em duas etapas: a primeira analisou dados de fala de falantes do Funchal e de Maputo, disponíveis nos bancos de dados CORPORAPORT, estratificados por sexo, faixa etária e escolaridade; e a segunda observou avaliações e percepções linguísticas de falantes de ambas as localidades.

Para apresentar os resultados desta pesquisa, este artigo está divido em quatro seções, além desta introdução. Na primeira, discutem-se algumas noções teóricas que são caras à fundamentação proposta escolhida. Na segunda, apresentam-se as opções metodológicas adotadas para, na seção seguinte, analisar os dados obtidos. Por fim, são apresentadas considerações finais sobre o objeto aqui estudado.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A partir da Sociolinguística laboviana, a língua passa a ser entendida como dotada de uma heterogeneidade sistemática, isso é, a variação linguística tanto faz parte do sistema,

[5] Exemplo retirado de Gonçalves (2015)
[6] Exemplo retirado de Gonçalves (2015)

como é possível estudá-la de forma objetiva. Por variação, entende-se "o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado." (Coelho et al.,2018, p.16).

Exemplificando a variação a partir dos pronomes que funcionam como objeto de terceira pessoa no português falado em Funchal, temos três formas para essa codificação – o clítico *o* (e suas flexões), o pronome pleno *ele* (e suas flexões) e o clítico *lhe* (e suas flexões – além da anáfora zero. (Andrade, 2014; Rodrigues, 2018). A cada uma dessas formas que disputam a expressão o OD de 3ªp chamamos de variantes.

As variantes podem ser padrão ou não-padrão; de prestígio ou estigmatizada e conservadoras ou inovadoras. Coelho et al. (2018) explica que as variantes padrão encaixam-se com os padrões normativos da língua, enquanto as não-padrão afastam-se deles. A partir desses padrões normativos, uma das variantes, geralmente a padrão, traz consigo um prestígio social, enquanto a não-padrão, muitas vezes, é estigmatizada. Ademais, existem variantes presentes há mais tempo no repertório linguístico da comunidade e por isso são consideradas conservadoras. Porém, como a língua está em constante processo de variação e de mudança, surgem, assim, variantes inovadoras, que tendem a ser as não-padrão.

Ao serem atribuídos socialmente valores subjetivos às variantes, temos o problema da avaliação (Labov, Herzog & Weinreich, 1968). A avaliação, para Labov (2008 [1972], p. 326), diz respeito a "como membros da comunidade reagem à mudança em andamento e que informação expressiva as variantes vinculam". Nesse sentido, o autor verifica que a avaliação linguística é produto da avaliação social. Um exemplo seriam os testes de autoavaliação, isto é, quando as pessoas, questionadas sobre qual dentre as várias variantes são características de sua própria fala, dizem usar as formas que acreditam gozar de prestígio ou serem as "corretas" mais do que a forma que realmente usam.

Dentro dos estudos sobre avalição, destacamos Oushiro (2015), em que a pesquisadora diferencia dois conceitos: avaliação e percepção. Segundo a autora, avaliação diz respeito ao discurso metalinguístico dos falantes sobre as variantes, já percepção é conceituado como "as inferências feitas pelos usuários de uma língua ao ouvir outro falante - e que, portanto, podem não ser objeto de comentário metalinguístico." (Oushiro, 2015, p. 54). Com base nesses fatores, a pesquisa aqui desenvolvida vai analisar os significados sociais atrelados a avaliações e percepções de falantes sobre os usos não-padrão do pronome lhe, conforme detalhado nas seções a seguir.

3. METODOLOGIA

Conforme dito anteriormente, esta pesquisa apresenta duas etapas: a primeira estuda os usos do pronome *lhe* em entrevistas de um banco de dados de falantes de Maputo e do Funchal. A segunda etapa dá conta de dados de avaliação e percepção linguística. Essas etapas seguiram os procedimentos a seguir.

3.1. Dados de produção do pronome *lhe*

Para o estudo do pronome *lhe* realizado como complemento verbal, dativo e acusativo, recolheram-se dados de fala disponíveis nos bancos de dados do projeto CORPORAPORT. O *site* do projeto disponibiliza diversos *corpora* de diferentes variedades da língua portuguesa. Para esta pesquisa, utilizamos duas amostras: a amostra Funchal (FNC) e a amostra Maputo (MAP), ambas estratificadas considerando sexo, faixa etária e grau de escolaridade. Analisaram-se dois informantes por célula, em um total de 72 informantes, assim distribuídos:

Faixa etária	**Nível de escolaridade**	**Sexo**
A: 18 a 35 anos	1- Básico – 2.º segmento (6.º ao 9.º ano)	Masculino
B: 36 a 55 anos	2- Secundário - (10.º ao 12.º ano)	Feminino
C: 56 a 75 anos	3- Ensino superior	
3 células x 3 células x 2 células x 2 informantes = 36 informantes de cada localidade		

Quadro 1: Estratificação da amostra de fala
Fonte: adaptado de Vieira & Brandão (s/d)

Após selecionadas as entrevistas, foram coletadas todas as ocorrências do pronome *lhe* e, em seguida, analisada a frequência total e a proporção geral da amostra para as funções acusativa e dativa. Em seguida, os dados passaram por tratamento estatístico no programa Goldvarb X.

3.2. Dados de avaliação do pronome *lhe*

Para o estudo da avaliação e percepção linguística dos usos do *lhe* nos dados de Maputo, observaram-se as perguntas metalinguísticas das entrevistas sociolinguísticas

analisadas para os dados de produção, uma vez que, segundo Coelho *et al.* (2018, p.105), "nesse bloco da entrevista, voltada a fatos linguísticos, podem emergir aspectos interessantes relacionados à identidade, fazendo com que os falantes possam identificar traços linguísticos regionais e socioculturais".

No que se refere às entrevistas analisadas dos falantes da Ilha da Madeira, como as entrevistas não apresentam perguntas metalinguísticas, foi aplicado um teste de percepção e avaliação, através de um questionário partilhado *online* pela ferramenta Qualtrics, durante o mês de junho de 2021. O inquérito foi respondido por 84 madeirenses. Neste artigo, analisam-se as respostas referentes à estratificação social desses informantes (sexo, nível de escolaridade e faixa etária) e a avaliação dada às sentenças sobre o uso dos clíticos, explicitadas a seguir. Os enunciados analisados foram os seguintes:

1.	Ele duvida dos meus sentimentos, mas eu amo-**lhe** muito.
2.	Não a conhecia bem, mas quando vi, fui logo dizendo, "eu **lhe** amo".

Quadro 2: Enunciados analisados com uso não-padrão do pronome ***lhe***
Fonte: elaborado pelas autoras

O primeiro enunciado observa o uso não-padrão do clítico *lhe* característico da norma linguística observada na Ilha da Madeira por pesquisas anteriores, mencionadas neste trabalho. A segunda sentença apresenta o uso não-padrão comum ao PB, marcando a diferença entre os demais usos comuns ao PE insular. As frases foram gravadas na forma de áudio, a primeira foi falada por um madeirense e a segunda, por uma brasileira. Após ouvir cada um dos estímulos auditivos, o informante deveria escolher características associadas àquele falante (escolarizado, inteligente, pedante, irritante, amigável e simpático), além de uma das quatro alternativas a seguir:

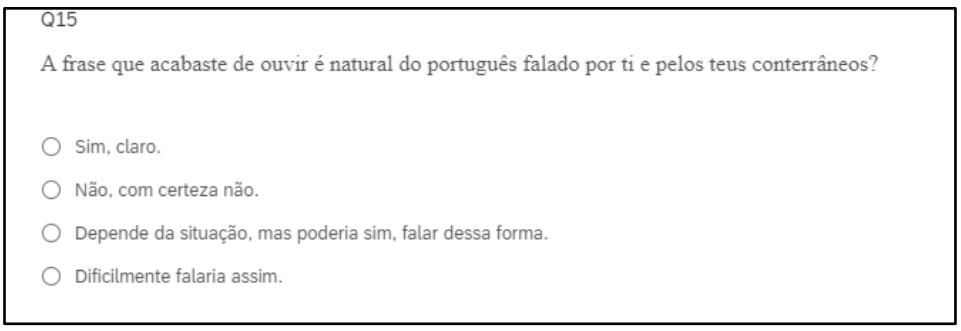
Q15
A frase que acabaste de ouvir é natural do português falado por ti e pelos teus conterrâneos?
Sim, claro.
Não, com certeza não.
Depende da situação, mas poderia sim, falar dessa forma.
Dificilmente falaria assim.

Figura 1 : Excerto do teste de avaliação linguística
Fonte: elaborado pelas autoras

O *software* utilizado para a recolha das respostas fornece tratamento estatístico das respostas, bem como a elaboração de gráficos a partir desses números, os quais serão apresentados e analisados na seção a seguir.

4. ANÁLISE DE DADOS

Os exemplos a seguir mostram que ocorreram nos dados analisados exemplos do uso de *lhe* tanto como acusativo, quanto como dativo. Os exemplos (5) e (6) são ocorrências do português falado em Moçambique, o primeiro apresenta duas vezes o *lhe* acusativo complementando os verbos transitivos 'ajudar' e 'tirar'. Na frase em (6), vê-se o uso padrão do clítico dativo.

(5) então me sinto responsável por eles então eu acho que se eu for a conseguir realizar esse sonho eu posso **lhes** ajudar... sei lá tentar **lhe** tirar daquele caminho e também daquela vida... eu acho que sim (POMA1Ma)

(6) funcionam para os que acreditam… cada um segue aquilo que a alma di/a alma que **lhe** diz no fundo né…(PMOB1Mb)

As ocorrências em (7) e (8) são dados de falantes do Funchal. O primeiro é o uso não-padrão de acusativo de terceira pessoa, complemento direto do verbo 'apanhar' e, na segunda, o uso padrão do pronome.

(7) já não tinha a quase batatas pa ceia e muitas vezes acabavam por **lhe** apanhar porque já não havia comer (FNCC1M)

(8) isso é um problema que tem arrasado muitas famílias ehh muitas vezes como eu já **lhe** disse ainda há pouco (FNCC2H)

A Tabela 1 mostra a frequência e a proporção da amostra analisada no que se refere ao uso do pronome *lhe*, como dativo e como acusativo.

		Acusativo	**Dativo**	**Total da amostra**
Moçambique	n.	19	30	49
	%	38,8	61,2	46,7
Funchal	n.	12	44	56
	%	21,4	78,6	53,3
	n.	31	74	105
Total	%	29,5	70,5	100

Tabela 1 : Frequência e proporção dos usos de 36 participantes (Moçambique e Funchal)
Fonte: elaborado pelas autoras

No que se refere à proporção geral da amostra, observamos valores próximos de distribuição nas duas localidades: 46,7% das ocorrências são de dados de Maputo, enquanto 53, 3% são da fala de Funchal. Porém, ao analisarmos o uso do pronome como acusativo de terceira pessoa, isto é, o uso não-padrão, 38,8% dos exemplares são moçambicanos e 21,4% da variante insular do português europeu. Consideramos que o menor uso da norma não-padrão em Funchal deve-se ao fato de a língua portuguesa ser uma variedade do PE, que compartilha a pressão normativa, crenças e atitudes oriundas do continente.

Uma vez observada a produção do pronome *lhe* em função acusativa, investigou-se a consciência dos falantes sobre esses usos. Os exemplos (09) e (10) fazem parte de perguntas metalinguísticas feitas aos entrevistados sobre as peculiaridades do português falado em Moçambique, sobre a dificuldade de aprendizado da língua em relação às diferentes normas:

(9) D: os alunos não conseguem produzir essa... frase essa coisa aqui do português... você se lembra assim dos fenômenos que ma:is dão trabalho pra um falante?
L: as concordâncias... ahn... sujeito e predicado e:... ahn... feminino e masculino dão alguma dificuldade... os pronomes... a colocação dos pronomes... ahn... portanto **(o "lhe" e o "u") é/é/é uma área que toda gente sabe que é uma área eh: complicada mesmo/ mesmo aqueles que dominam o português eh... como língua materna e tem escolaridade muito alta já praticamente num/num/num se distingue o lhe e o ( )**... é uma área do português que pesa sobre o português de Moçambique... eh:... as formas de tratamento... tu você... eh: eh:... eu acho que isso é até um cado parecido com o Brasil não é?... (PMOC3M)

(10) L: sim... por exemplo a... o mesmo falante pode dizer vi-lhe e pode dizer vi-o
D: hu:m pra segunda pessoa?
D: mas só pra eu entender o seu exemplo esse lhe é de terceira pessoa ou de segunda [pessoa?
L:[terc/de terceira pessoa
D: de terceira pessoa?
L: sim...
D: vi-lhe
L: de segunda usamos o te... [vi-te (PMOB3H)

Ambos os falantes dos exemplos acima têm nível superior e, dessa forma, conseguem avaliar de modo consciente os usos do português em Moçambique, país que não tem a língua portuguesa como língua materna, porém é a única língua oficial daquele país plurilíngue. De acordo com Firmino (S/D), conforme o censo do final da década de 90 do século XX, os moçambicanos que conhecem a língua portuguesa concentram-se na cidade de Maputo, local onde foram feitas as entrevistas utilizadas como *corpus* de nossa pesquisa. Segundo o autor, à época o português era a língua materna de 25% da população local, além disso era falada por 36% da população e 87% da população entendiam a língua.

Tanto no exemplo (09) como no exemplo (10) têm-se dados de avaliações linguísticas, uma vez que ambos são comentários metalinguísticos. Observemos que os dois falantes têm noção das prescrições da norma padrão e conseguem perceber a variação linguística existente na língua. A informante em (09) ressalta que "mesmo aqueles que dominam o português eh... como língua materna e tem escolaridade muito alta já praticamente num/num/num se distingue o *lhe* e *o*". A partir dessa fala, podemos perceber que, segundo a entrevistada, ambas as variantes estão presentes não apenas na fala popular, mas também na norma culta falada em Maputo.

No exemplo (10), a documentadora estranha o uso do pronome *lhe* como acusativo de terceira pessoa e compara ao uso feito no Brasil em que a forma é usada na segunda pessoa. Percebemos que a entrevistada ressalta que o pronome se refere à terceira pessoa e o opõe ao *te*, o qual, segundo ela, é utilizado para a codificação da segunda pessoa entre os moçambicanos de Maputo.

Conforme as avaliações de ambas as informantes, podemos considerar o uso do *lhe* como acusativo de terceira pessoa como um marcador de identidade sociolinguística dos falantes do português moçambicano. Para Oushiro (2015, p. 30):

> identidades sociolinguísticas são categorias sociais discursivamente elaboradas, às quais os indivíduos podem ou não pertencer e com as quais desejem ou não se filiar, e que são relevantes para diferenciações socioletais em suas avaliações, produções e percepções linguísticas.

Como dito anteriormente, as entrevistas referentes à amostra do Funchal não possuem perguntas metalinguísticas. Por essa razão, foi aplicado um questionário, a fim de analisar a percepção linguística sobre os usos não-padrão do pronome *lhe* por falantes madeirenses em contraste com falantes brasileiros para observarmos se, assim como ocorreu com dados de Maputo, o uso do pronome como acusativo de terceira pessoa também é marca da identidade sociolinguísticas do português falado na Madeira. A próxima seção diz respeito aos dados produzidos pelas respostas ao inquérito em questão.

4.1. Resultados teste de avaliação com falantes madeirenses

Conforme dito anteriormente, 84 pessoas responderam ao questionário online, todos madeirenses. No que se refere ao sexo/gênero dos informantes, 53,7% deles são mulheres e 46,43% são homens. Havia ainda a opção 'não-binário', porém ela não foi escolhida por nenhuma das pessoas que responderam ao teste.

No que se refere à escolaridade dos informantes, o Gráfico 1 mostra que a maioria dos informantes possui o ensino superior completo, sendo 42, 86% de licenciados; 3,57% de

especialistas; 28,57% de mestres e 2,38% de doutores. Esses números são bastante relevantes, pois mostram que os dados analisados nesta pesquisa se referem a percepções de falantes de norma culta. Além disso, não houve respostas de pessoas com apenas o ensino básico, acreditamos que isso tenha ocorrido pela rede de distribuição dos questionários on-line, que partiu do compartilhamento entre as pesquisadoras e estudantes da Universidade da Madeira e pessoas próximas deles.

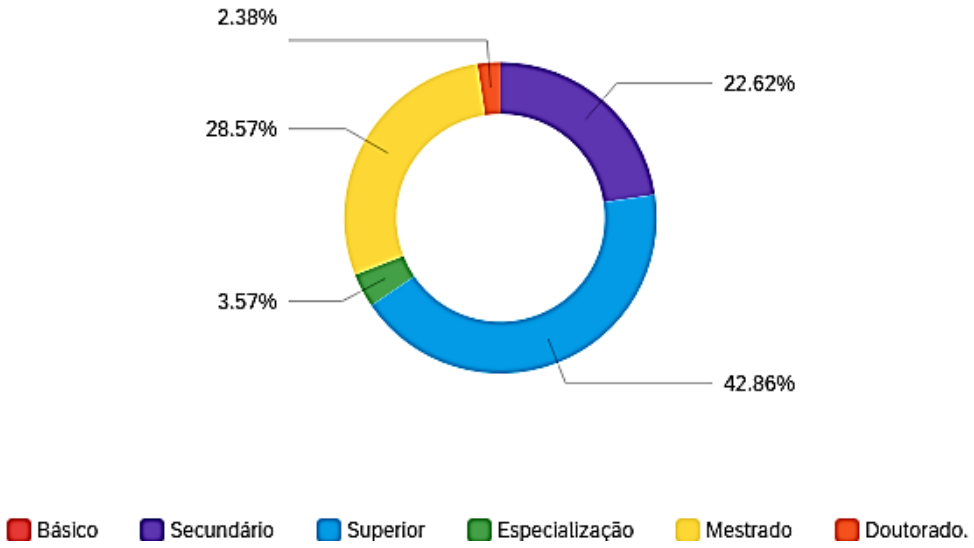

Gráfico 1: Distribuição dos informantes por grau de escolaridade
Fonte: elaborado pelas autoras

O Gráfico 2 mostra a faixa etária dos informantes entrevistados. Mais da metade dos respondentes (54,76%) pertencem à primeira faixa etária, fato que também pode ser explicado pelo compartilhamento do inquérito a partir de estudantes universitários. Além disso, por a maioria da amostra ser de jovens, o teste pode ter flagrado percepções sobre usos inovadores que circulam mais comumente neste grupo.

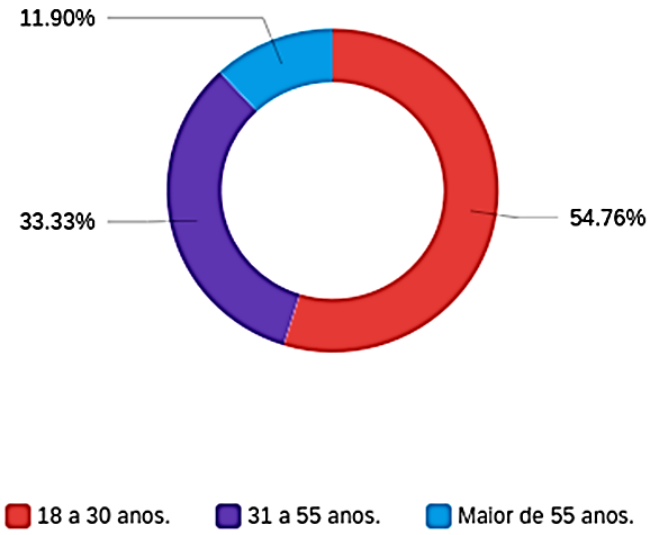

Gráfico 2: Distribuição dos informantes por faixa etária
Fonte: elaborado pelas autoras

A seguir, serão analisados os resultados das percepções e das avaliações sobre as sentenças ouvidas pelos participantes da pesquisa.

- **Ele duvida dos meus sentimentos, mas eu amo-*lhe* muito.**

Para a construção da primeira frase, considerou-se deixar o sujeito explícito para que ficasse claro que o pronome acusativo o retomava. A gravação foi feita por uma estudante da Universidade da Madeira e foi testada antes da aplicação do inquérito. No pré-teste a frase era: "Ele duvida dos meus sentimentos, mas eu *lhe* amo muito." Quem respondeu o questionário nessa fase estranhou apenas a colocação pronominal e não o uso do *lhe* em função acusativa. Por esse motivo, trocamos a próclise pela ênclise para que a sentença soasse naturalmente entre os madeirenses. Após a revisão o teste foi distribuído e os gráficos 3 e 4 relacionam-se a esse enunciado.

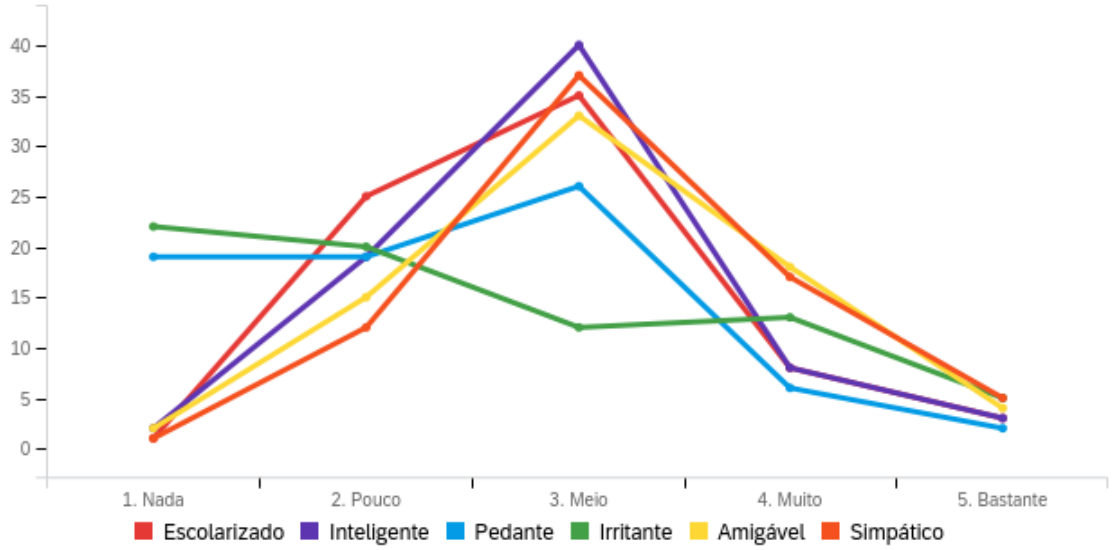

Gráfico 3: Características dadas à fala madeirense com *lhe* não-padrão
Fonte: elaborado pelas autoras

Podemos dizer que o uso do pronome *lhe* como acusativo de terceira pessoa não é percebido como uma forma estigmatizada ao observar as características dadas ao ouvir alguém usando essa forma. O indivíduo analisado no áudio foi considerado meio inteligente, meio simpático, meio escolarizado, meio amigável, meio pedante e nada irritante; sendo essa sequência e essa intensidade as que receberam o maior número de respostas para a questão.

Em termos percentuais, os números de respostas observadas no gráfico 3 são detalhados na tabela a seguir:

Resposta	**1. Nada**	**2. Pouco**	**3. Meio**	**4. Muito**	**5. Bastante**
Escolarizado	1,39%	34,72%	48,61%	11,11%	4,17%
Inteligente	2,78%	26,39%	55,56	11,11%	4,17%
Pedante	26,39%	26,39%	36,11	8,33%	2,78%
Irritante	30,56%	27,78%	16,67%	18,06	6,94%
Amigável	2,78%	20,83	45,83	25%	5,56%
Simpático	1,39%	16,67%	51,39%	23,61%	6,94%

Tabela 2: Percentual relacionado à percepção da variante na variedade madeirense
Fonte: elaborado pelas autoras

Em seguida, o Gráfico 4 reflete sobre a identificação dos inquiridos com a variante. Após a percepção sobre um desconhecido fazendo uso de uma forma não-padrão, os participantes diziam se tal forma faz parte de sua norma linguística, conforme podemos ver no gráfico.

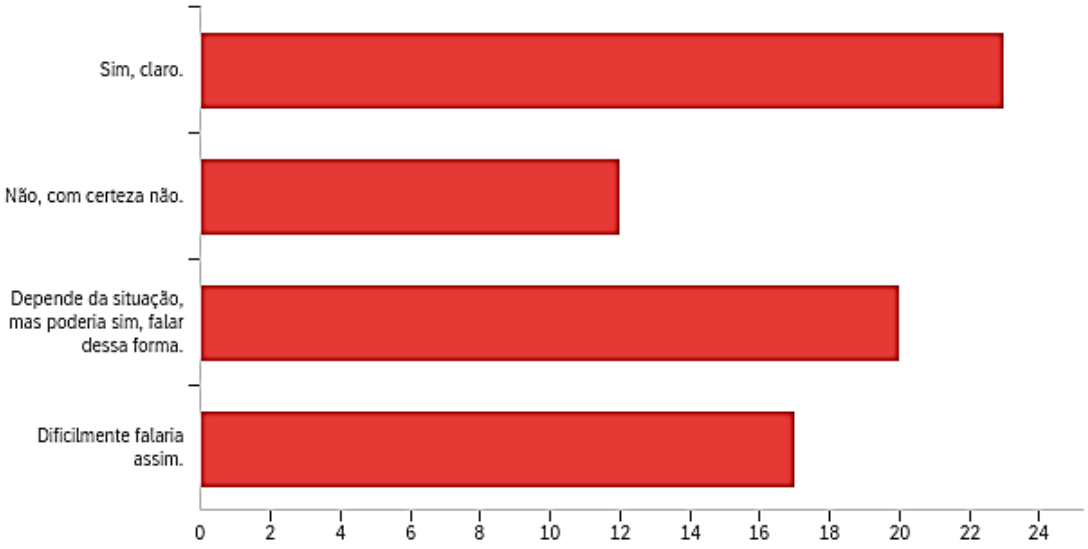

Gráfico 4: Possibilidade de uso do pronome *lhe* não-padrão na norma madeirense pelos entrevistados
Fonte: elaborado pelas autoras

Por ordem de frequência de respostas, tem-se uma escala que se inicia com a certeza do uso (31,94%), em seguida, a possibilidade de uso dependendo da situação (27,78%); a negativa modalizada "dificilmente falaria assim" (23,61%) e, com o menor número de respostas, a negativa total (16,67%). O reconhecimento da possibilidade de uso mostra-se revelador ao lembrarmo-nos de que 77,38% dos nossos informantes têm nível superior. Essa é mais uma evidência para afirmarmos que o pronome *lhe* codificando o caso acusativo de terceira pessoa não é uma variante estigmatizada pelos madeirenses, figurando entre os usos comuns a falantes de norma culta, semelhante ao observado nas falas moçambicanas.

- **Não a conhecia bem, mas quando vi, fui logo dizendo, "eu *lhe* amo".**

O segundo passo para analisarmos se o uso do *lhe* de 3ª pessoa causaria o estranhamento aos madeirenses foi analisar o uso não-padrão do pronome comum à variedade do PB.

O Gráfico 5 traz os resultados da percepção dos madeirenses acerca da variedade brasileira do português. Quatro características receberam o intensificar "meio" pela maioria dos falantes, os adjetivos em ordem de percepção positivas foram: amigável, simpático, inteligente e escolarizado. Ainda que todas as características tenham sido selecionadas em algum grau, é importante salientar que a aceitabilidade à questão anterior, quando os entrevistados avaliavam sua própria norma, selecionou o adjetivo "inteligente" como a primeira característica associada, mostrando, assim, que a imagem social do brasileiro para os inquiridos é positiva, porém, em primeiro plano, diz respeito à sociabilidade e em segundo à adjetivação cognitiva.

.

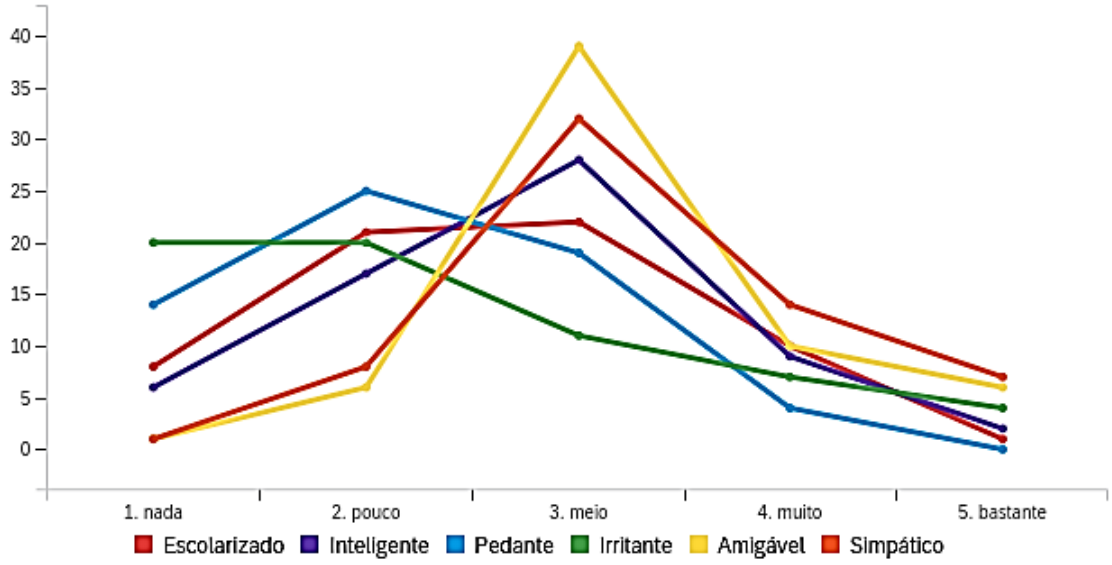

Gráfico 5: Características dadas à fala brasileira com *lhe* não-padrão
Fonte: elaborado pelas autoras

Os números de respostas analisadas no Gráfico 4 são detalhados na Tabela 3 em valores percentuais:

Resposta	1. Nada	2. Pouco	3. Meio	4. Muito	5. Bastante
Escolarizado	12,9%	33,87%	35,48%	16,13%	1,61%
Inteligente	9,68%	27,42%	45,16%	14,52%	3,23%
Pedante	22,58%	40,32%	30,65%	6,45%	0
Irritante	32,26%	32,26%	17,74%	11,29%	6,45%
Amigável	1,61%	9,68%	62,9%	16,13%	9,68%
Simpático	1,61%	12,9%	51,61%	22,58%	11,29%

Tabela 3: Percentual relacionado à percepção da variante na variedade brasileira
Fonte: elaborado pelas autoras

Como o exemplo analisado pertencia à fala de uma pessoa brasileira, o Gráfico 6 mostra, dentro do esperado, que a maior parte dos informantes não se identifica com essa variedade da língua portuguesa. Assim, 64,52% afirmaram que não falariam desse modo e 24,19% disseram que dificilmente falariam assim. Porém, em 4,84% das respostas houve a afirmativa sobre possibilidade de uso dessa variedade e, em 6,45%, o uso a depender da situação. Vale salientar, no entanto, que nenhum entrevistado da terceira faixa etária , nem do gênero feminino admitiu a possibilidade de uso.

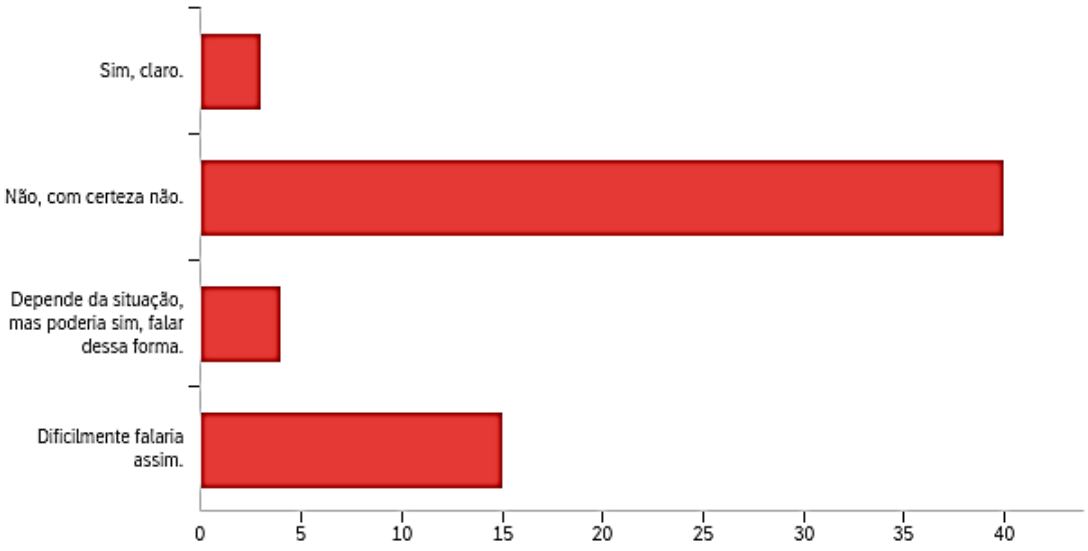

Gráfico 6: Possibilidade de uso de ***lhe*** não-padrão
na norma madeirense pelos entrevistados
Fonte: elaborado pelas autoras

Diante dos dados analisados, observa-se que os usos não-padrão do pronome *lhe* fazem parte do repertório linguístico, tanto dos madeirenses, quanto dos moçambicanos. É possível, ainda, perceber que até mesmo falantes com alto nível de escolarização utilizam essas variantes e reconhecem que elas pertencem às suas identidades sociolinguísticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A não-distinção na categoria caso dos pronomes nas formas nominativa, acusativa e dativa aponta para uma mudança em progresso no português falado na Madeira e em Moçambique, assim como também acontece com a variedade brasileira da língua portuguesa. Rodrigues (2018) aponta que fatores cognitivos e culturais – como postulado por Labov (2010) – estariam no centro dessa mudança, uma vez que o fenômeno variável ocorre de modo semelhante em diversas variantes geográficas.

Esta pesquisa focou especificamente nos usos não-padrão do pronome *lhe*. Pudemos constatar a presença da forma na codificação do acusativo de terceira pessoa nos dados de fala e, ao analisar os resultados do estudo referente às percepções e às avaliações dos falantes acerca dessa variante, observou-se que tanto os moçambicanos quantos os madeirenses consultados entendem esse uso como parte de suas identidades linguísticas. Ao falarmos de identidade, tomamos as palavras de Bagno (2017, p.199), para o qual "identidade é a representação social que o indivíduo constrói acerca de seus grupos de pertencimento e de referência, de maneira que se sinta incluído em certas comunidades e excluído de outras(...)". Esse posicionamento ficou bastante marcado quando, no teste de percepção e avaliação realizado com os madeirenses, os participantes analisaram mais positivamente o uso não-padrão de *lhe* comum à sua variedade do que o uso feito por brasileiros.

Por fim, destacamos que "quando falamos, movemo-nos num espaço sociolinguístico multidimensional e usamos os recursos da variação linguística para expressar esta ampla e complexa gama de identidades distintas" (Bortoni-Ricardo, 2005, p.176). Assim sendo, o paradigma do sistema pronominal do português ilustra bem o encaixamento da variante *lhe* nas estruturas linguística e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, C. (2014). *Crenças, Perceça□ o e Atitudes Linguí□ sticas de Falantes Madeirenses*. Dissertaça□ o de Mestrado em Estudos Linguísticos e Culturais. Funchal: UMa.

Araújo, F. J.N. de & Carvalho, H. M. de. (2014). A alternância das formas pronominais *te* e *lhe* em cartas pessoais do Ceará. *Revista Línguas & Letras* – Unioeste, *15*(31).

Bagno, M. (2017). *Dicionário crítico de sociolinguística*. Parábola Editorial.

Bazenga, A. & Rodrigues, L. (2019). Usos do clítico lhe em variedades do português. In: M. A. Ferreira *et al.* (Org.). *Pelos Mares da Língua Portuguesa* 4. 1ed (pp. 17-33). Universidade de Aveiro Editora.

Bortoni-Ricardo, S. M. (2005). *Nos cheguemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. Parábola.

Coelho, I. L. et al. (2018). *Para conhecer sociolinguística*. Editora Contexto.

Firmino, G. (s. d.) *A situação do português no contexto multilíngue de Moçambique*. http://dlcv.fflch.usp.br/mesas-redondas.

Gonçalves, P. (2015). O português em África. In: E. B. P. Raposo *et al.*(Org.) *Gramática do Português* (pp. 157- 178). Fundação Calouste Gulbenkian.

Labov, W. (2008) [1972]. *Padrões sociolinguísticos*. Parábola,

Labov, W. (2010). *Principles of linguistic chance: cognitive and cultural factors*. V. 3, Wiley-Blackwell.

Lambert, W. E., Hodgson, R. C., Gardner, R. C. & Fillenbaum, S. (1960). Evaluational reactions to spoken language. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 60*(1), 44–51.

Menon, O. P. da S. (1995). O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, Curitiba, *44*, 91-106.

Oushiro, L. (2015).*Identidade na Pluralidade. Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo***,** Tese (Doutoramento) apresentada ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Rodrigues, L. da S. (2018). *O caso acusativo nos pronomes pessoais de terceira pessoa do português brasileiro e europeu*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE).

Schwenter, S., Barton, P., Dickinson, K. V. & Macedo, M. (2021). *Speakers' Subjective Evaluations of Direct Object Pronouns in Brazilian Portuguese*. In: ExPorLi. Presentation – Ohio State University. https://www.researchgate.net/publication/351083870_Speakers'_Subjective_Evaluations_of_Direct_Object_Pronouns_in_Brazilian_Portuguese

Vieira, S. R. & Brandão, S. F. *CORPORAPORT: Variedades do Português em análise*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras-UFRJ. www.corporaport.letras.ufrj.br.

View publication stats